

# PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR  
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIV  
N.º 687

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**LO SECCULO**

## O JUDAS DA ESCOLA

Por LEONOR DE CAMPOS

— «**Q** UEM foi que mexeu no tinteiro e o entornou sobre a minha secretária?» — perguntou o professor, de sobrececho carregado.

Os rapazes baixaram os olhos, comprometidos. Mas nenhuma voz se ergueu para acusar um colega. O professor continuou:

— «Lamento que vocês, rapazes crescidos, se tenham portado como crianças, aproveitando a minha ausência para fazer disparates. E espero que o autor de tão estúpida brincadeira não repetirá a proeza. Contudo, fico ciente de que nesta classe há quem seja indezejável. Se um dia chego a apanhá-lo,

garanto-lhe que não lhe ficará vontade de tornar a brincar desta maneira...»

E a lição prosseguiu, sem que o professor voltasse a aludir ao tinteiro entornado.

Portanto, quando, no dia seguinte, o professor, antes de começar a aula, chamou com ares severos o José Manuel, e lhe ralhou por ter entornado o tinteiro, os rapazes ficaram indignados.

Pois quê?! Houve quem denunciasse um condiscípulo?!... Não. Aquilo não ficava assim. Tinha que se averiguar quem fôra o autor da denúncia, para ser castigado... Mas como descobri-lo?

A saída, toda a rapaziada amiga rodeou o Tomaz, o melhor aluno da aula, o mais bem comportado, aquele



que estava sempre pronto a ajudar um colega, a tirá-lo de dificuldades. E por unanimidade o elegeram chefe da classe e o encarregaram de descobrir o delator.

Tomaz aceitou o espinhoso encargo. Também êle se sentia revoltado.

Entre os condiscípulos apartou aqueles em quem absolutamente confiava. Eram 11; qualquer dêles incapaz de cometer tão feia acção. Restavam oito. Mas entre êsses oito, havia dois que não mereciam a mais pequena confiança. Um, o Joaquim, era tímido, acanhado. Andava sempre encostado às paredes e nunca olhava de frente, quando conversava. O outro era o Ernesto. Este era um demónio. Desordeiro, intriguista, cobarde, espancava os mais pequenos mas nunca reagia quando os maiores lhe batiam ou o insultavam.

E o Tomaz, insensivelmente, começou a pensar só nos dois. Mas qual dêles teria sido?

Então, o rapaz teve uma ideia. Comunicou-a ao Fernando, seu grande ami-



go, que logo a aprovou entusiasmado. Nessa noite o Tomaz foi a casa do Joaquim e disse-lhe;

— «Estou muito aborrecido com esta história da denúncia. Tanto mais que começo a desconfiar dum grande amigo meu. Trata-se do Fernando. Disseram-me hoje que ele dá cada tarefa na irmãzinha que a deixa em mísero estado. Ora um rapaz que bate numa criança, é indigno. Se isto fôsse verdade, eu cortava com ele para sempre.

Quem faz destas coisas, não é boa companhia. Se o professor o sabe, é até capaz de o expulsar. Não te parece? Por isso eu lembrei-me de vir ter contigo e pedir-te que me ajudes a descobrir a verdade.»

Dali o Tomaz dirigiu-se a casa do Ernesto e contou-lhe a mesma história. Apenas com uma variante: — O Fernando não bätia na irmãzita. Fazia partidas á avó, escondia-lhe os óculos, metia-lhe sustos, arrelhiava-a...

Na manhã seguinte, os rapazes fieis, os que estavam ao lado das diligências de Tomaz, esperavam com impaciência a chegada do professor. Ia finalmente descobrir-se o Judas da aula. O mestre chegou. E depois de todos instalados nos seus respectivos lugares, disse com voz pausada:

— «Vamos hoje fazer um exercício de redacção sobre «Deveres para com os nossos irmãos mais novos!»

Um nome, logo seguido de violento adjectivo, correu de boca em boca. O professor percebeu que havia qualquer coisa, mas interpretou mal o sussurro.

— «O quê? Vocês estranham este ponto de redacção? Dar-se-há o caso de haver algum, de entre vós, que desconheça os seus deveres para com os irmãos mais novos?»

E olhava significativamente para Fernando. Então, este levantou-se e, de cabeça erguida, perguntou:

— «O senhor professor refere-se a mim?»

— «Que idéa! — retorquiu o mestre, com ironia — Você era incapaz de pra-

ticar uma acção dessas!... Estou convencido de que a sua irmãzinha mais pequena é da mesma opinião!»

— «Qual irmã, senhor professor? — disse o Fernando, sufocando uma grande vontade de rir. Eu não tenho irmãos, nem mais novos, nem mais velhos. Sou filho único! Vossa excelência pode informar-se, se me não acredita!»

Só nesta altura o Joaquim percebeu a cilada a que o Tomás o atraíra. Es-

— «Porque as minhas duas avós morreram antes de eu nascer!...»

Nesta altura o Tomás interveio na conversa, contando-lhe a idéa que tivera para apanhar o denunciante. Se o professor falasse na irmã do Fernando, o culpado era o Joaquim. Se aludisse á avó, era Ernesto o traidor.

— «Mastu desconfiavas de mim?» — interrogou o Ernesto.

— «Desculpa, mas desconfiava. Tenho-te visto fazer tanta maldade, tanta



tava desmascarado. Os condiscipulos sabiam agora quem era o Judas. E o proí...or nunca mais acreditaria uma palavra do que ele dissesse.

Terminada a aula, os rapazes saíram a comentar o acontecimento, enquanto o Joaquim se escapulia, envergonhado. E então o Ernesto dirigiu-se ao Fernando e disse-lhe ao ouvido:

— «Não bates na irmã, mas arrelias o tua avó, meu grande marau. Olha que se eu fôsse da raça do Joaquim, te acusasse ao professor, não ficavas tu a rir assim...»

— «Assim, não. Ainda ria com mais força!»

— «Ora essa?! E porquê?»

cobardia, que me convenci de que eras capaz de praticar mais esta.»

— «Pois de hoje em diante vou esforçar-me por ser leal, valente e bom. Verás que nunca mais darei ocasião a que alguém desconfie do meu caracter...»

Ernesto prometeu e cumpriu. Quanto ao Joaquim, mudou de escola. E quando vê, ao longe, um dos antigos condiscipulos, esconde-se para se não encontrar com ele.

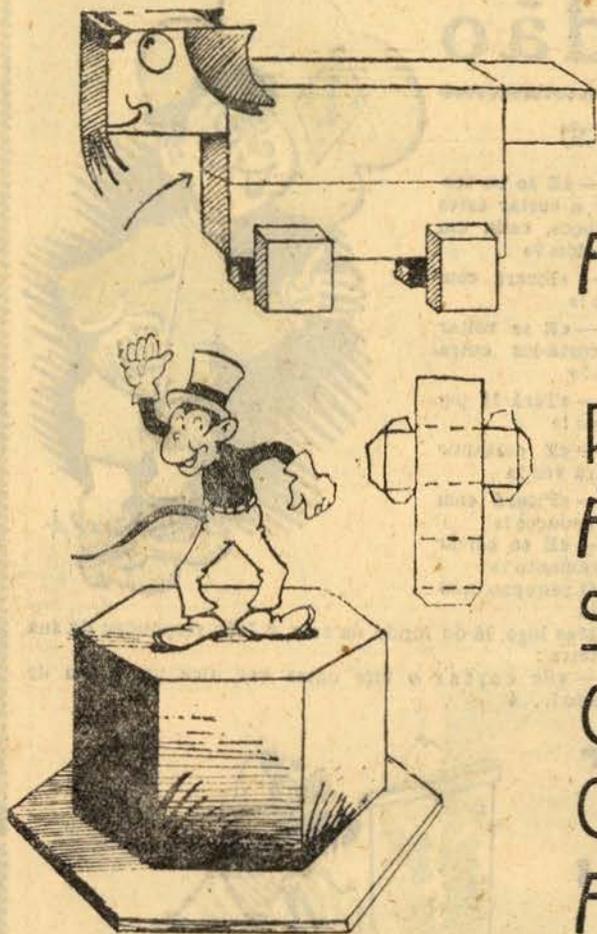
Mas consta-me que a vergonha por que passou o transformou a tal ponto que hoje é estimado por todos e até já olha a direito para quem lhe fala.

F I M

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha o símbolo da Paz



A  
P  
Ã  
S  
C  
O  
A



TAVARES JUNIOR

Está-se aproximando a festiva época da Páscoa, durante a qual é costume oferecer-se brindes, tais como caixinhas com amêndoas, etc, ás pessoas nossas amigas. Pois o «Pim-Pam-Pum» no desejo de vos ser agradável, vai dar-vos três esquemas de caixas, que, sendo construídas a primor, ficarão decerto uns brindes interessantes para oferecerdes, por exemplo, aos vossos papás. O de cima, à esquerda, é

çado pintainho. A forma de se armar está explicada pelos vários esquemas que estão por baixo. Finalmente, a 3.ª cuja explicação, vai também, em esquemas, leva depois de pronta, uma mascote ou mesmo uma figura recortada dum postal.

É claro que todas as caixinhas devem ser pintadas, ou, então, forradas com papeis bonitos.

E, agora, algumas recomendações.

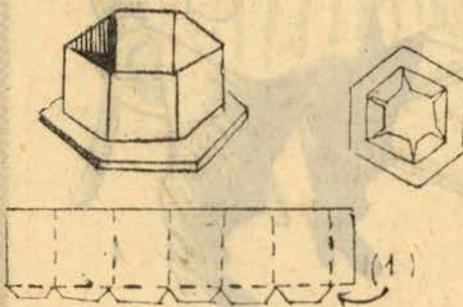
Na colagem das patilhas 1, devem empregar grude e no papel farinha.

As dobras das caixas devem ser vinçadas com um canivete, e, finalmente,

devem empregar nas caixas pequenas, cartolina grossa e nas grandes, cartão.

E pronto!

Digam-me se o «Pim-Pam-Pum» é ou não vosso amigo?



feito, como se vê, todo com caixas de vários tamanhos, abrindo-se somente a do meio, que forma a barriga do cão. Quem for habilidoso poderá fazer com que se abram todas as caixas e meterá nelas amêndoas de várias qualidades. Ficarão muito mais interessante.

A 2.ª caixa representa um engra-

A D I V I N H A (Solução do número anterior)

A frase que o coelhinho teve de escrever sete vezes na ardózia, foi a seguinte: — Eu não sou digno de figurar nas páginas do «Pim-Pam-Pum».

# João respondão

Por ANIBAL NAZARÉ

Ora, eu tinha, se bem me lembro, prometido contar aos meninos mais algumas respostas do nosso João Respondão, um pequeno atrevido que para tudo tem resposta e não deixa ninguém ficar *sem trôco*, como é uso dizer-se.

E vou cumprir o combinado.

Outro dia, na aula, o professor, perguntou a um colega do João:

— «Cite-me um exemplo duma fábrica que encontre, na própria localidade, a sua matéria prima!»

O pequeno pensou, pensou e confessou que não sabia, no que só provou ser um menino ajuizado.

Ia o professor para explicar à classe, quando viu o João Respondão mesmo com cara de quem sabia e estava mortinho por ser interrogado. E repetiu-lhe a pergunta:

— «Por acaso, o menino sabe algum exemplo duma fábrica que encontre na própria localidade a sua matéria prima?»

E logo o João Respondão, triunfante:

— «Sei, sim, sr. professor! Uma fábrica de gelo, no Polo!»



Doutra vez, estava a falar-se de corpos transparentes e de corpos opacos.

— «Dê-me um exemplo dum corpo transparente!» disse o professor, depois de têr explicado que corpos transparentes são aqueles através dos quais podemos ver.

E um aluno respondeu:

— «O vidro!»

— «Muito bem!» disse o mestre. E, depois, dirigindo-se ao João Respondão:

— «Outro exemplo?»

E ele, *todo ancho*:

— «Um buraco de fechadura!...»

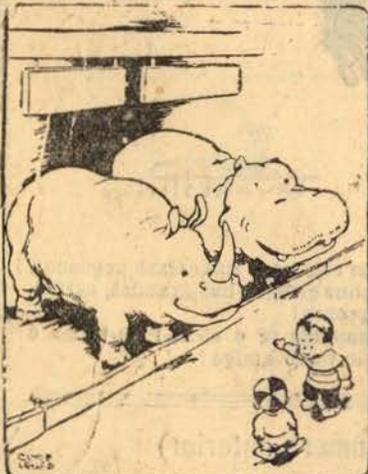


Mas a última do João passou-se há dias, quando o professor perguntou a outro aluno:

— «Se eu tiver dois bifés e cortar cada um em dois pedaços, com quantos pedaços ficarei?»

— «Ficará com quatro pedaços!» — respondeu o pequeno.

## ANEDOTAS



— «Repara bem na diferença que existe entre o rinoceronte e o hipo-

pótamo. O rinoceronte é o que tem uma antena no focinho.»

— «Ó pai, o que é o vento? É o ar quando está com pressa, não é?»



— «E se eu tornar a cortar esses pedaços, cada um em dois?»

— «Ficará com oito!»

— «E se voltar a cortá-los outra vez?»

— «Terá 16 pedaços!»

— «E cortando outra vez?»

— «Ficará com 32 pedaços!»

— «E se cortar novamente?»

O pequeno não sabia.

Mas logo, lá do fundo da sala, o João respondeu da sua carteira:

— «Se cortar o bife outra vez, fica um prato de picado!...»

F  
O  
I  
M



— Ó pai, é verdade que há gente na lua.»

— «Parece que sim.»

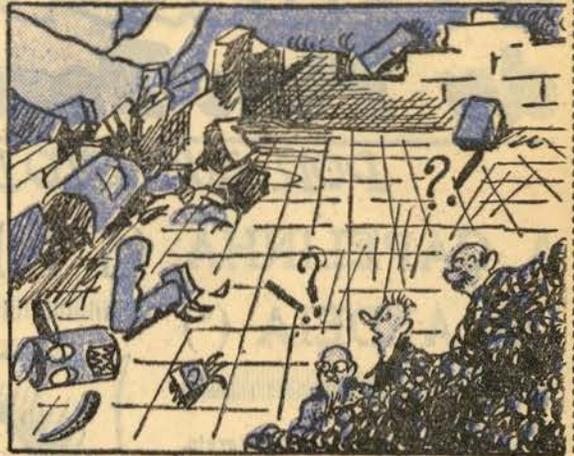
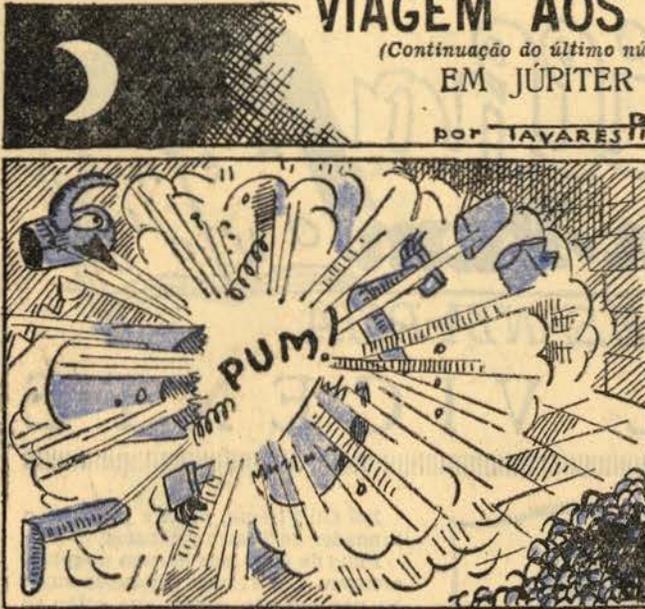
— «Então devem ficar muito apertados quando ela está em quarto min-guante.»

# VIAGEM AOS PLANETAS

(Continuação do último número)

## EM JÚPITER

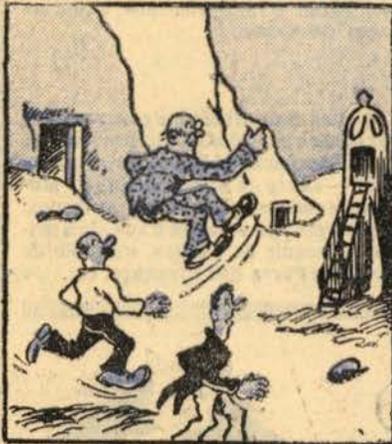
por TAVARES PINO



Papou-os?... — pensará o leitor, compungido. Nada disso. O excesso de carvão que o D. Sabão deitou lá para dentro do bicho, fez subir a pressão da caldeira, que ele

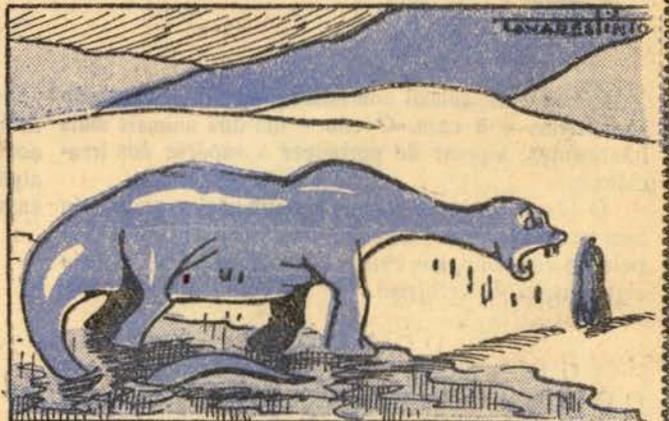
também continha, a tal ponto que, com tremendo fragor, o monstro explodiu.

Foi tão violenta a explosão que as paredes da prisão



abalaram e ruíram, dando a liberdade aos três amigos que se tinham salvo milagrosamente, resguardando-se atrás do monte de carvão. Estes correram logo para a bala, dando

grandes saltos, visto serem mais leves que na terra. O diâmetro do planeta Marte, é quasi metade do nosso, cerca de 6.800 quilómetros e o seu peso é sete décimos menos que



aquele. Por isso, o sábio, que no nosso globo pesava 75 quilos, em Marte pesava só 28. Assim que fecharam herméticamente a bala, fizeram-na partir em direcção ao planeta Júpiter. o

maior de todos os planetas do nosso sistema solar, e que gira, acompanhado dos seus nove satélites, a uma distância de 774 milhões de quilómetros, do sol.

(Continua no próximo número)

# A Cantilina do Pim-Pam-Pum



POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

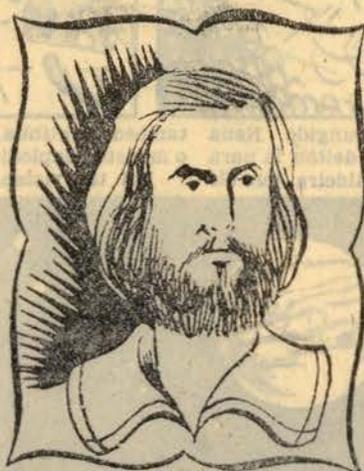
## A CAPELINHA GIL VICENTE DA ALDEIA (\*)

Uma capela é uma pequena Igreja. As igrejas são as casas de Deus. Portanto, em tôdas as capelinhas Nosso Senhor está presente e, com Ele, tôda a Côrte do Céu.

Rezar, com fé, é comunicar com Deus. A missa é um sacramento divino. Ser católico é crer em Deus e nos santos e cumprir todos os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja.

A Fé remove montanhas... Quem tem fé tem Deus consigo.

(\*) Ver, na página 8, a CONSTRUÇÃO PARA ARMAR.



Foi Gil Vicente, poeta e joalheiro, o fundador do Teatro português.

Filho do povo mas homem de génio, escreveu Gil Vicente inúmeros autos ou pantomimas, nomes que então se davam ás peças teatrais, os quais foram representados em plena praça pública e até, mais tarde, com tôda a solenidade e aparato, nos próprios paços da Côrte.

As suas mais afamadas pantomimas, nas quais o próprio Gil Vicente tomava parte como actor, são as que se intitulam: — «Auto da Alma», «Auto de Mo-fina Mendes», «Farsa do Inferno», «Inês Pereira» — talvez a sua obra prima — «Amadís de Gaula», «Templo de Apolo», «Farsa das Ciganas», etc.



O  
cão



O  
gato



O cão é um animal doméstico; isto é: — afeiçoado ás pessoas e à casa. O cão é um dos animais mais inteligentes, a-pesar de pertencer à espécie dos irracionais.

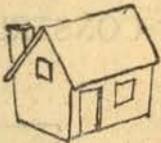
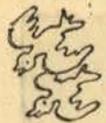
O cão é amigo do homem e manifesta-se grato pelo bem que lhe fazem. Capaz de sacrificar a própria vida pela do seu dono, aos cães a Humanidade deve já hoje alguns actos de heroísmo.

O CÃO LADRA  
O CÃO VIGIA A NOSSA HABITAÇÃO  
O CÃO DEFENDE OS REBANHOS ATACANDO OS LOBOS  
O CÃO AUXILIA O CAÇADOR  
O CÃO SALVA, A NADO, OS NÁUFRAGOS  
O CÃO SERVE DE GUIA AOS CEGOS

Os gatos são, também, animais domésticos. A-pesar de menos fiéis que os cães, são, como eles, afeiçoados ao Homem. Embora sejam indolentes, prestam, também, alguns serviços aos donos, libertando dos ratos as suas residências.

O GATO MIA  
O GATO É UM ANIMAL DECORATIVO  
O GATO É ACEADO  
O GATO CAÇA OS RATOS  
O GATO DORME DE PREFERÊNCIA AO SOL  
O GATO FAZ «ROM-ROM»

# JUSTO CASTIGO — (Conto hieroglífico)

1 rapazinho 1 dia viu da  da sua   
 um  com  pequeninos dentro.  
 Desceu ao quintal e trepou à  em cuja  
 ele se encontrava, para o roubar.  
 Mas pondo 1  em falso, caiu e fo-  
 rnu um . Fei o  que o castigou por  
 sua  e feia acção.

# O CESTINHO DA COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS

Por ABELHA-MESTRA

Amiguinhas :

Porque são sempre muito úteis os lencinhos, não podemos dizer que são demais, pois os mafarricos, que tantas vezes têm a nossa maior simpatia, quando mal nos precatamos... zás!... escapam-se-nos e nunca mais os achamos! Portanto, é sempre bom ter outros para substituí-los.

O primeiro tem um coelhinho bordado, que pode ser em preto, assim como o «Tótó» que enfeita o terceiro.

No segundo há umas florinhas cujas pétalas são encarnadas e cujos olhos são pretos.

Se vocês quiserem simplificar o trabalho da baíaha, enrolem esta, como se fôsse para perfilar e façam o ponto cruzado, que é de tão bonito efeito para acabamento dos lencinhos.

Vossa sempre muita amiga

Abelha-Mestra.

